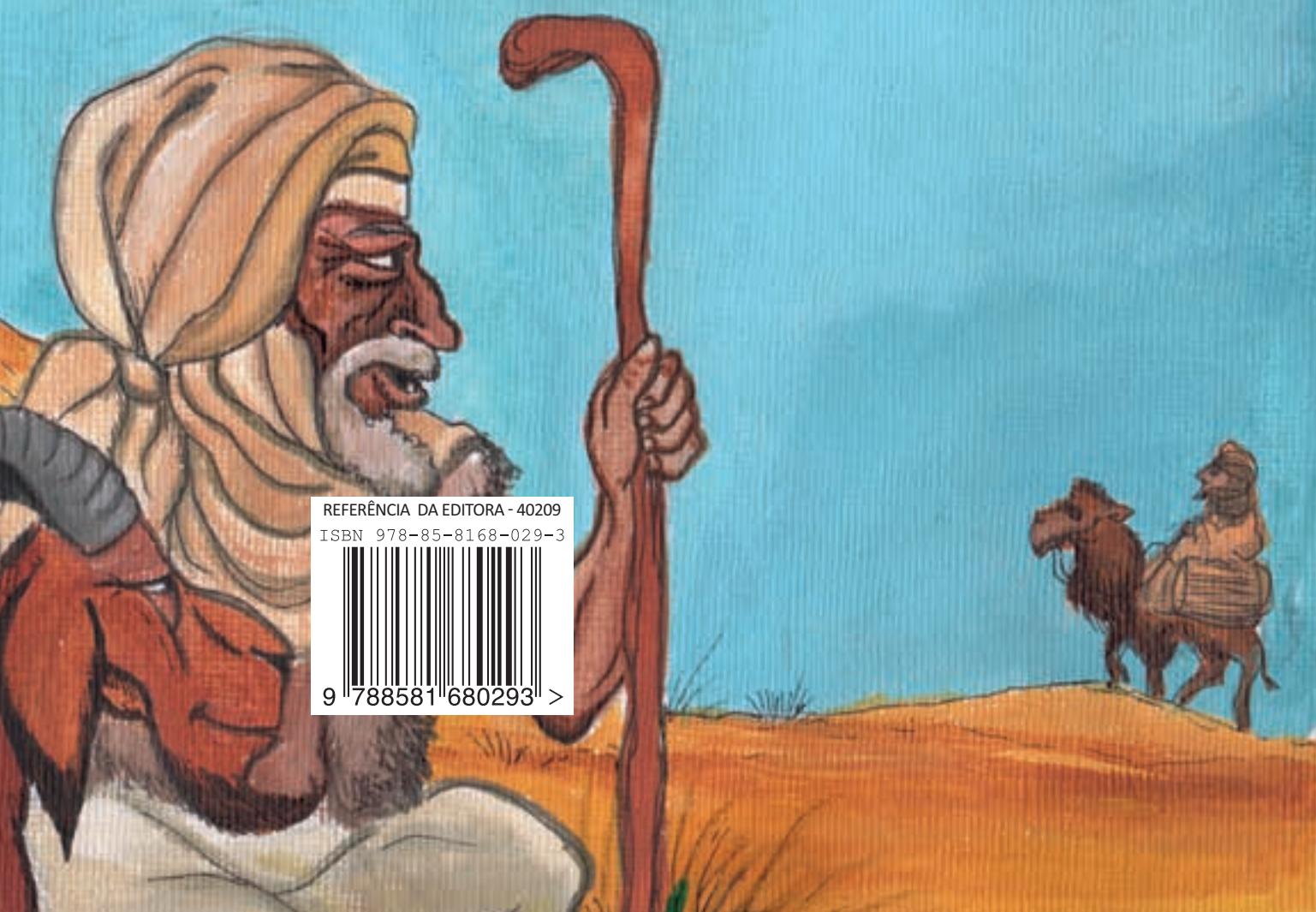


Na Arábia, em uma época feliz, vivia um rei chamado Bertoldo I, o Grande. O rei Bertoldo I era muito ocioso, passava seus dias comendo e fumando cigarros. Certo dia, sua vida desregada e cheia de um vazio profundo foi surpreendida por uma doença desconhecida de todos. E como receber a cura para uma doença tão estranha? Em *A Camisa do Homem Feliz* você irá descobrir não apenas como o rei poderia ser curado, mas também valores muito importantes para a vida. Embarque nessa encantadora história!

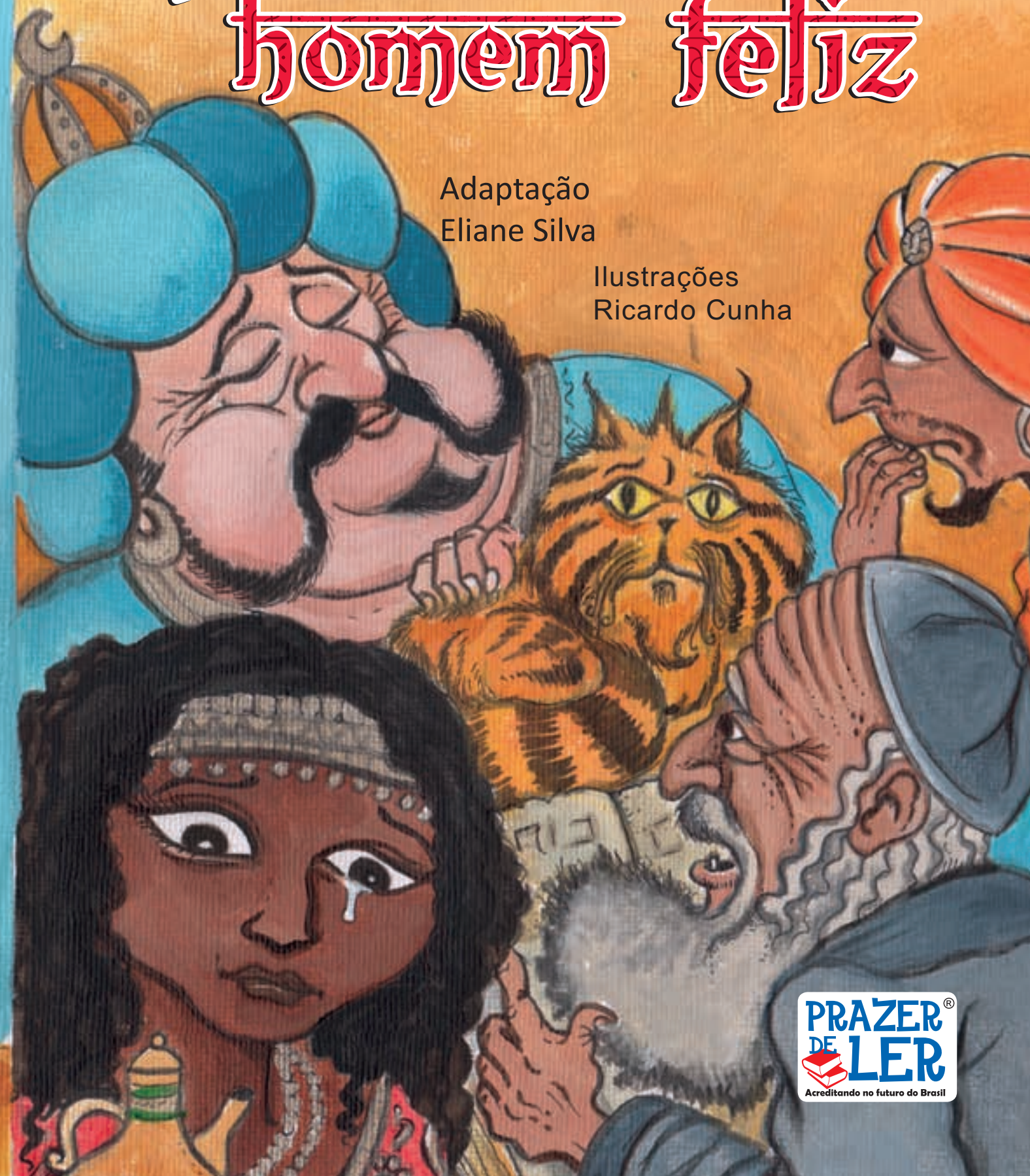
A camisa do homem feliz

Adaptação
Eliane Silva

Ilustrações
Ricardo Cunha



REFERÊNCIA DA EDITORA - 40209
ISBN 978-85-8168-029-3



**PRAZER
DE
LER**
Acreditando no futuro do Brasil

A camisa do homem feliz

Adaptação
Eliane Silva



Ilustrações
Ricardo Cunha

A camisa do homem feliz

Adaptação

Eliane Silva

Ilustrações

Ricardo Cunha

Editoras

Isabela Nóbrega
Márcia Regina Silva

Revisão

Elenita Maciel

Direção de Arte

Wilton Carvalho

Projeto Gráfico

Roseane R. Nascimento

Coordenação Editorial

Editora Prazer de Ler
Avenida Doutor Rinaldo de Pinho Alves, 2680
CEP: 53411-000 - Paratibe - Paulista / PE
Fone: (81) 3447.1178 - Fax: (81) 3422.3638
CNPJ: 14.605.341/0001-03

Impresso no Brasil

S586c

Silva, Eliane

A camisa do homem feliz / adaptação Eliane Silva;
ilustrações Ricardo Cunha. – Recife: Prazer de Ler, 2012.
32 p. : il.

1. FICÇÃO INFANTOJUVENIL – PERNAMBUCO.

I. Cunha, Ricardo. II. Título.

PeR – BPE 012-0669

CDU 869.0(81)-93

CDD 808.899 282

ISBN: 978-85-8168-029-3

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei nº 9.610, de 19 de fevereiro de 1998.

As palavras destacadas de amarelo ao longo do livro
sofreram modificações com o novo Acordo Ortográfico.

Não sei se li este conto ou se me contaram, ou se sonhei durante uma dessas noites de pesadelos e insônias em que a imaginação empreende viagens extraordinárias semelhantes à viagem que descreve o novelista francês De Maistre em sua obra *Viagem ao Redor de meu Quarto*.



O certo é que reinava na Arábia, em época muito feliz, o Bertoldo I, chamado o Grande, porque era o mais gordo dos monarcas de sua dinastia. Sua Majestade era extremamente ocioso e passava seus dias fumando cigarros que eram uma mistura de flores de certo tipo de cânhamo e substâncias açucaradas, que embriagam e fazem adormecer.

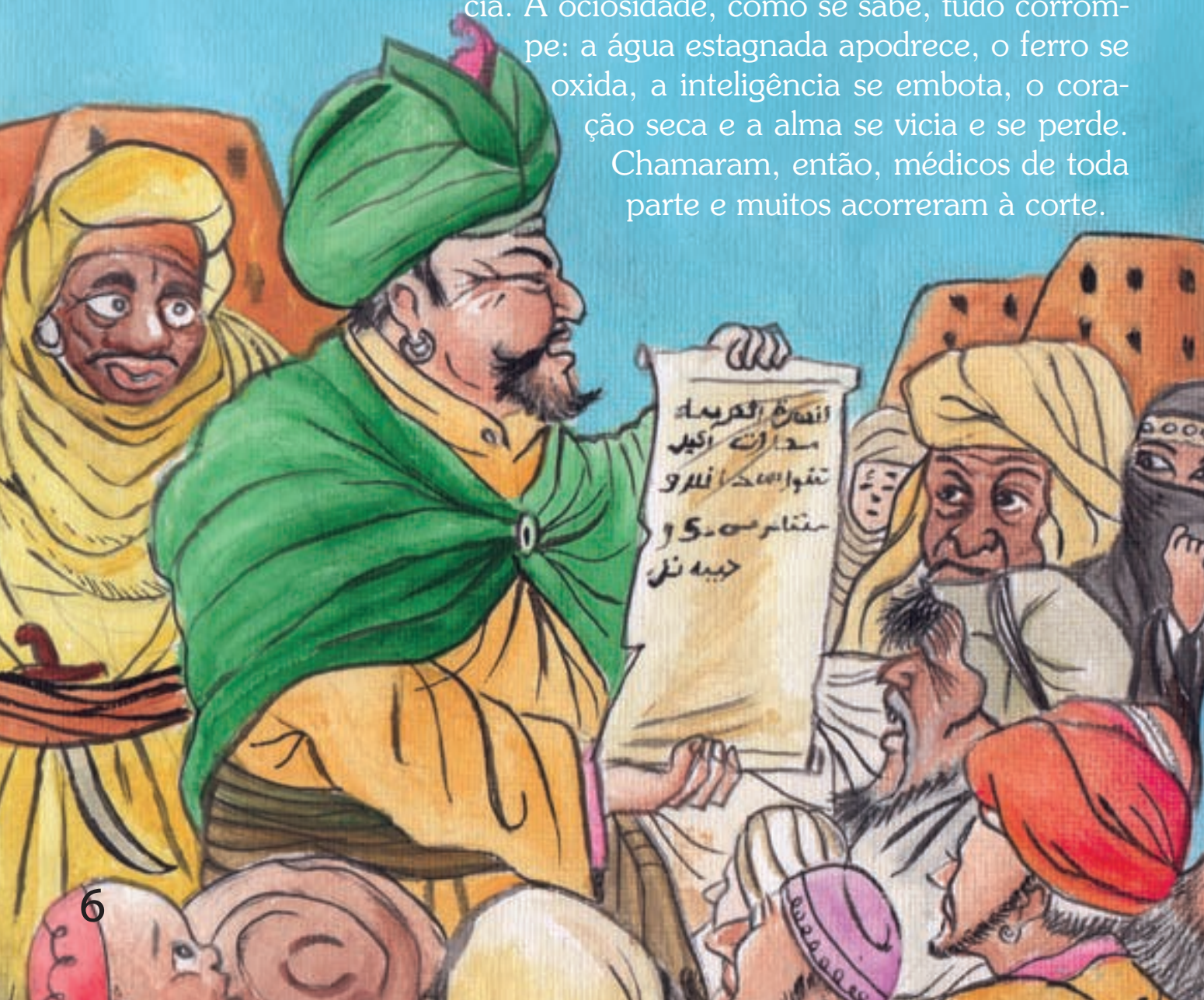


As escravas espantavam as moscas, que o podiam perturbar, com abanos de marabu, e os escravos, ao som de instrumentos exóticos, cantavam-lhe esta canção:

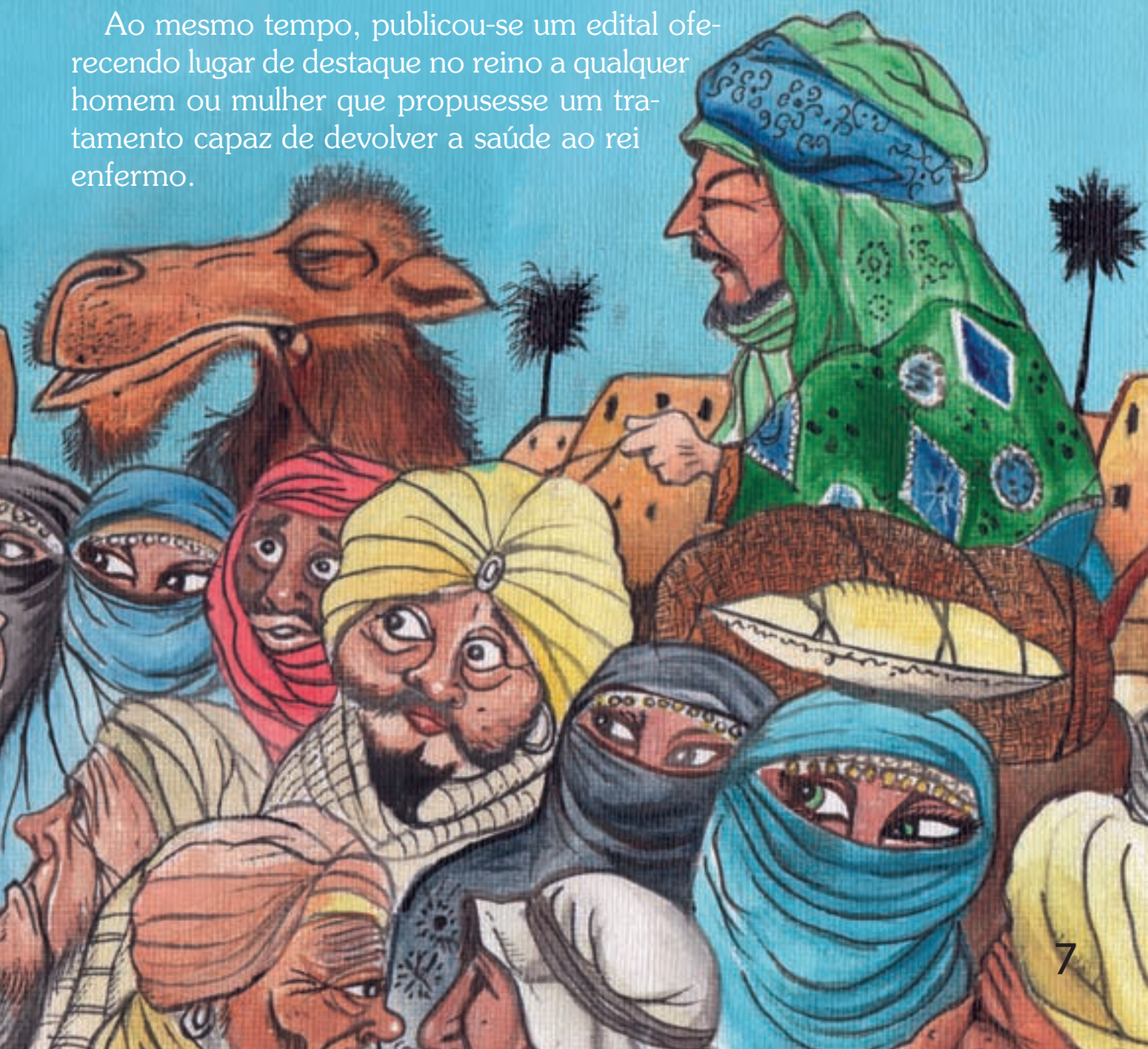
Maka-kachu, Maka-kachu
Sauk-fu, Sauk-fu
Chirivi ko-ko.

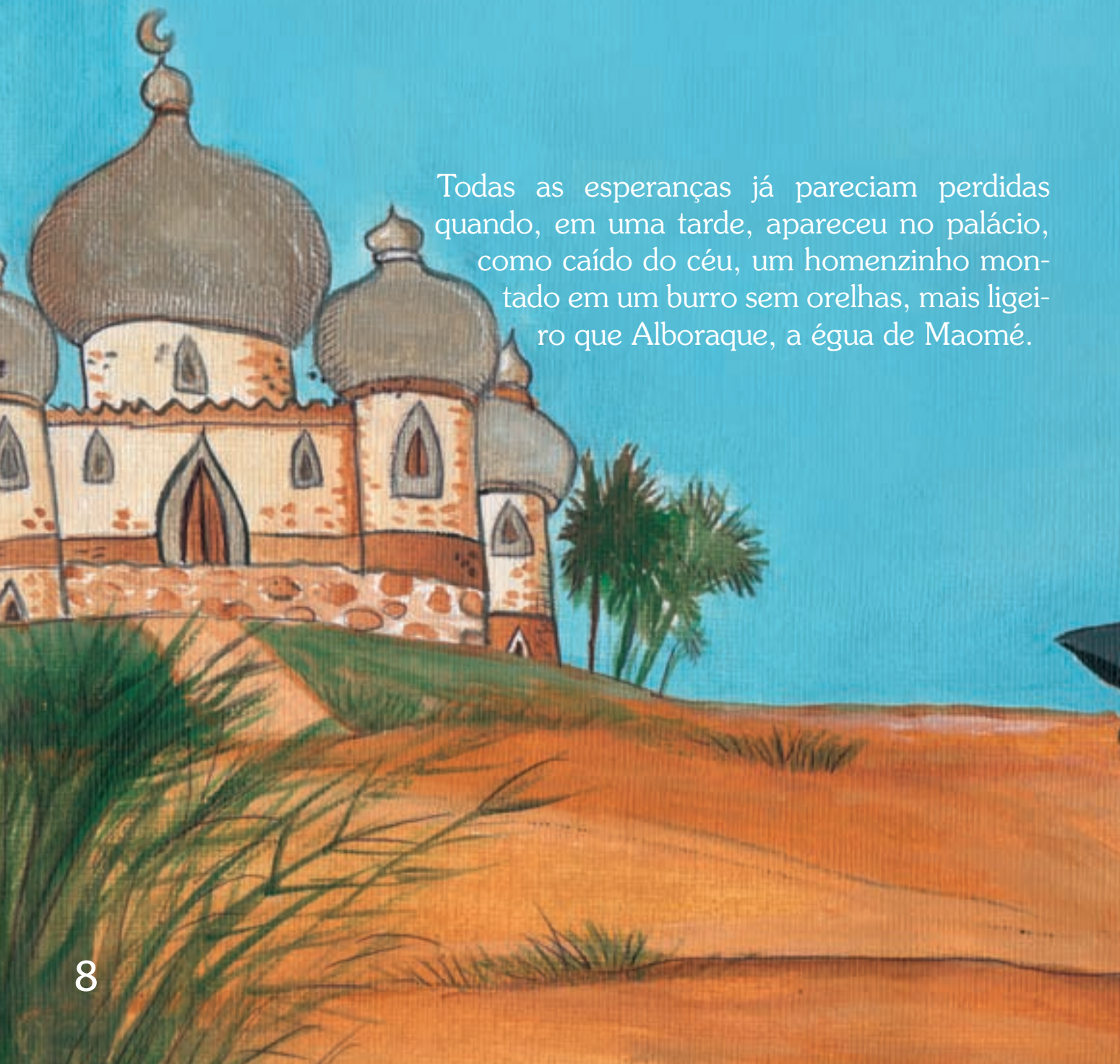


Acontece que essa vida de ócio ocasionou ao rei uma estranha enfermidade, que ninguém conhecia. A ociosidade, como se sabe, tudo corrompe: a água estagnada apodrece, o ferro se oxida, a inteligência se embota, o coração seca e a alma se vicia e se perde. Chamaram, então, médicos de toda parte e muitos acorreram à corte.



Ao mesmo tempo, publicou-se um edital oferecendo lugar de destaque no reino a qualquer homem ou mulher que propusesse um tratamento capaz de devolver a saúde ao rei enfermo.





Todas as esperanças já pareciam perdidas quando, em uma tarde, apareceu no palácio, como caído do céu, um homenzinho montado em um burro sem orelhas, mais ligeiro que Alboraque, a égua de Maomé.

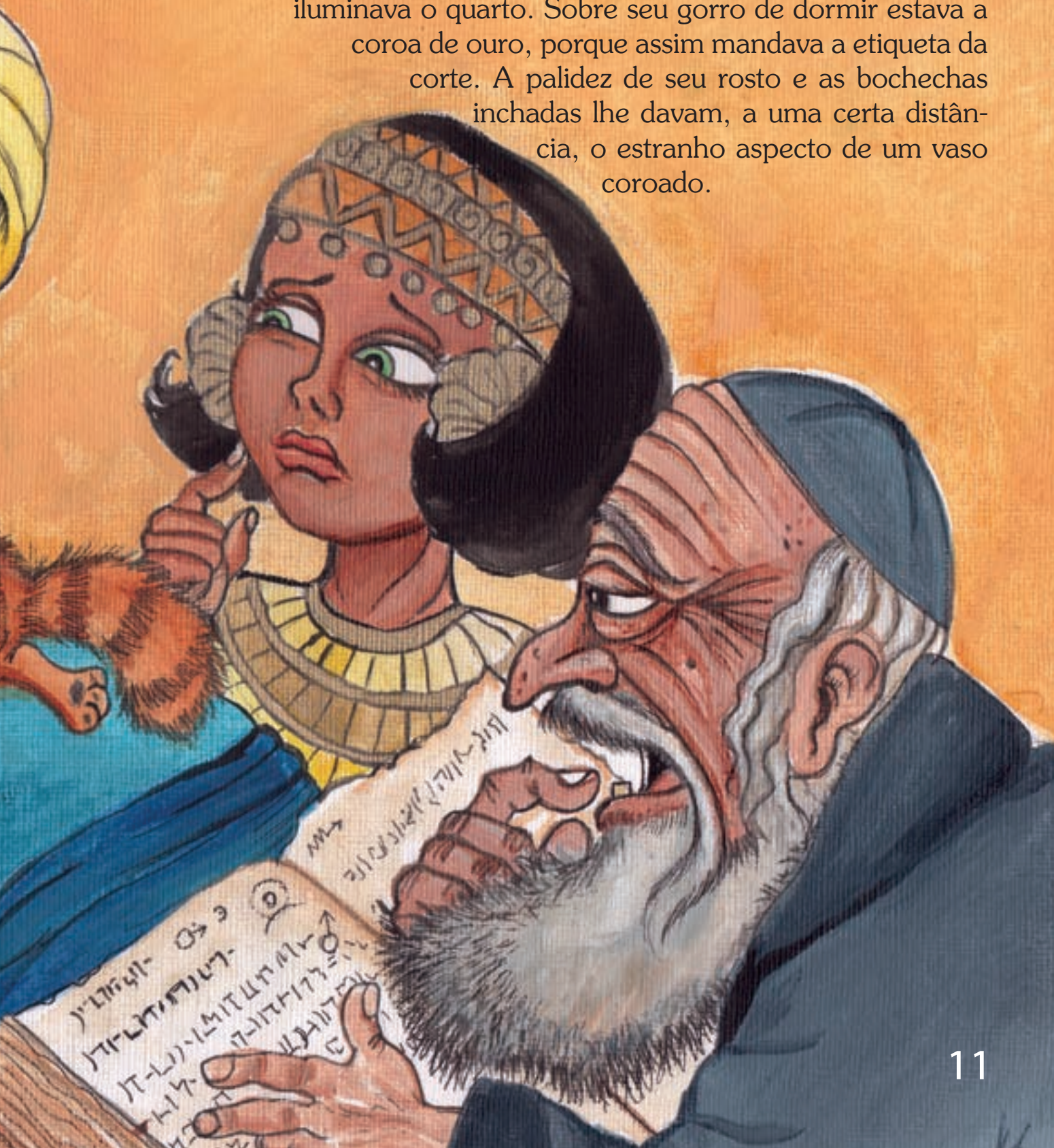
Ele levava em uma bolsa o Talmude, o livro da tradição e das doutrinas hebraicas. Na mão, trazia um guarda-sol de algodão encarnado, com que se protegia dos fortes raios solares.



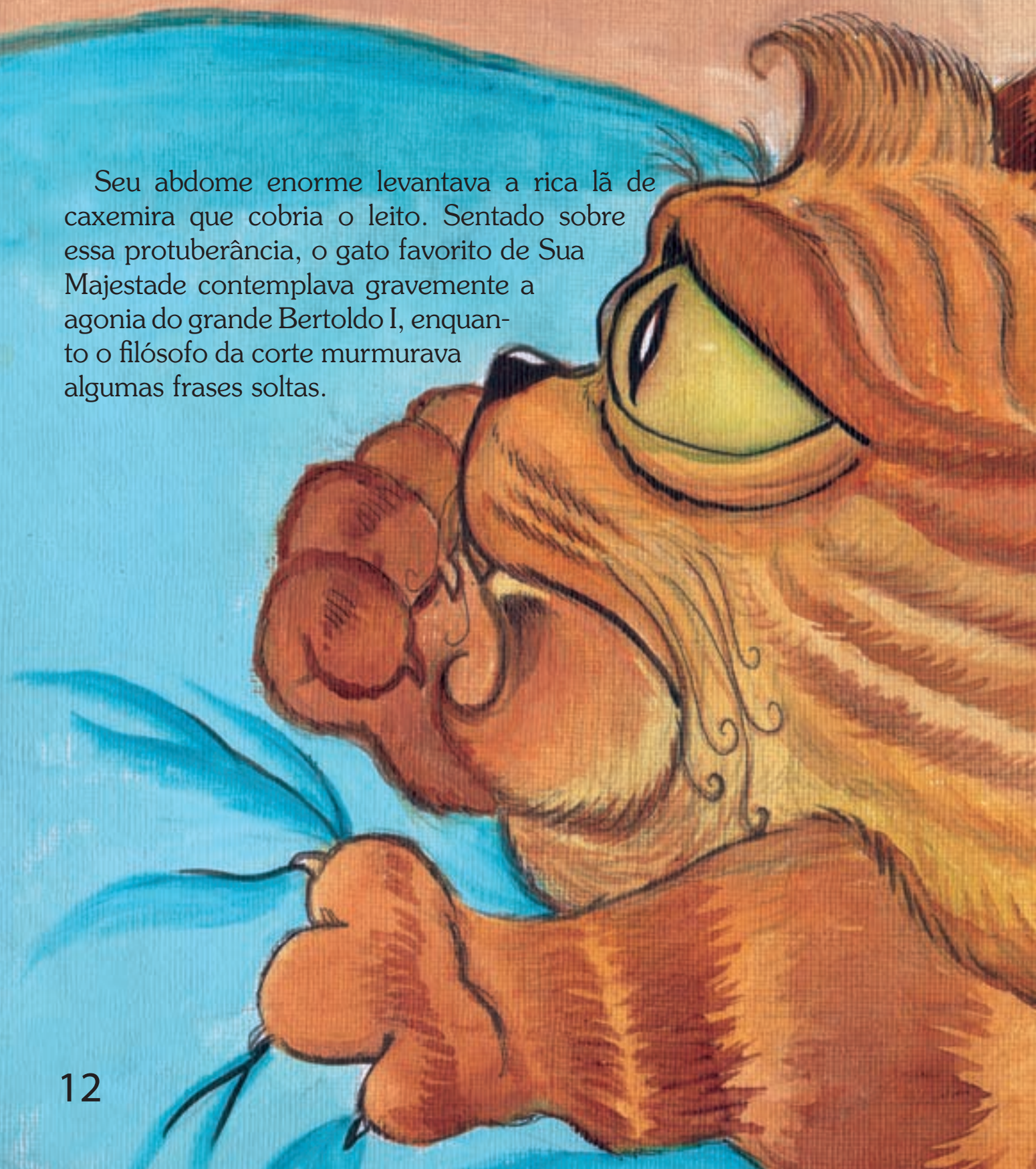
Ele desceu do burro às portas do palácio e disse aos guardas que era um médico israelita que se oferecia para curar o rei. Os grandes homens do reino foram recebê-lo, com suas cabeças raspadas parecendo de longe um campo de melões brancos. Precedido por três arautos, o médico foi levado à câmara real, mergulhada em suave penumbra. Sobre um estrado, coberto por tapetes persas e de Istambul, havia um leito de madrepérola com cortinas de púrpura.



Ali repousava o moribundo rei Bertoldo I, cujos suspiros faziam balançar de vez em quando a lâmpada de alabastro que iluminava o quarto. Sobre seu gorro de dormir estava a coroa de ouro, porque assim mandava a etiqueta da corte. A palidez de seu rosto e as bochechas inchadas lhe davam, a uma certa distância, o estranho aspecto de um vaso coroado.



Seu abdome enorme levantava a rica lã de caxemira que cobria o leito. Sentado sobre essa protuberância, o gato favorito de Sua Majestade contemplava gravemente a agonia do grande Bertoldo I, enquanto o filósofo da corte murmurava algumas frases soltas.





O médico examinou detidamente o pulso do monarca e fez sobre ele estranhos sinais, cravando, em seguida, em sua cabeça um alfinete, sem que o doente desse mostra de vida.



— Sua Majestade tem a cabeça oca — disse o médico.
Cravou, depois, no coração o alfinete, e o rei não fez o menor movimento.

— Sua Majestade tem coração de cortiça — acrescentou.



Espetou novamente o alfinete ligeiramente na boca do rei, e este deu um grito mais agudo que a última nota musical. Tremeram os enfeites de ébano e de ouro do leito; os guardas, espantados, bateram entre si suas armas; os arautos caíram de joelhos e o gato fugiu com o **pelo** eriçado. Os grandes homens do reino tiveram arrepios e só o israelita ficou impassível.

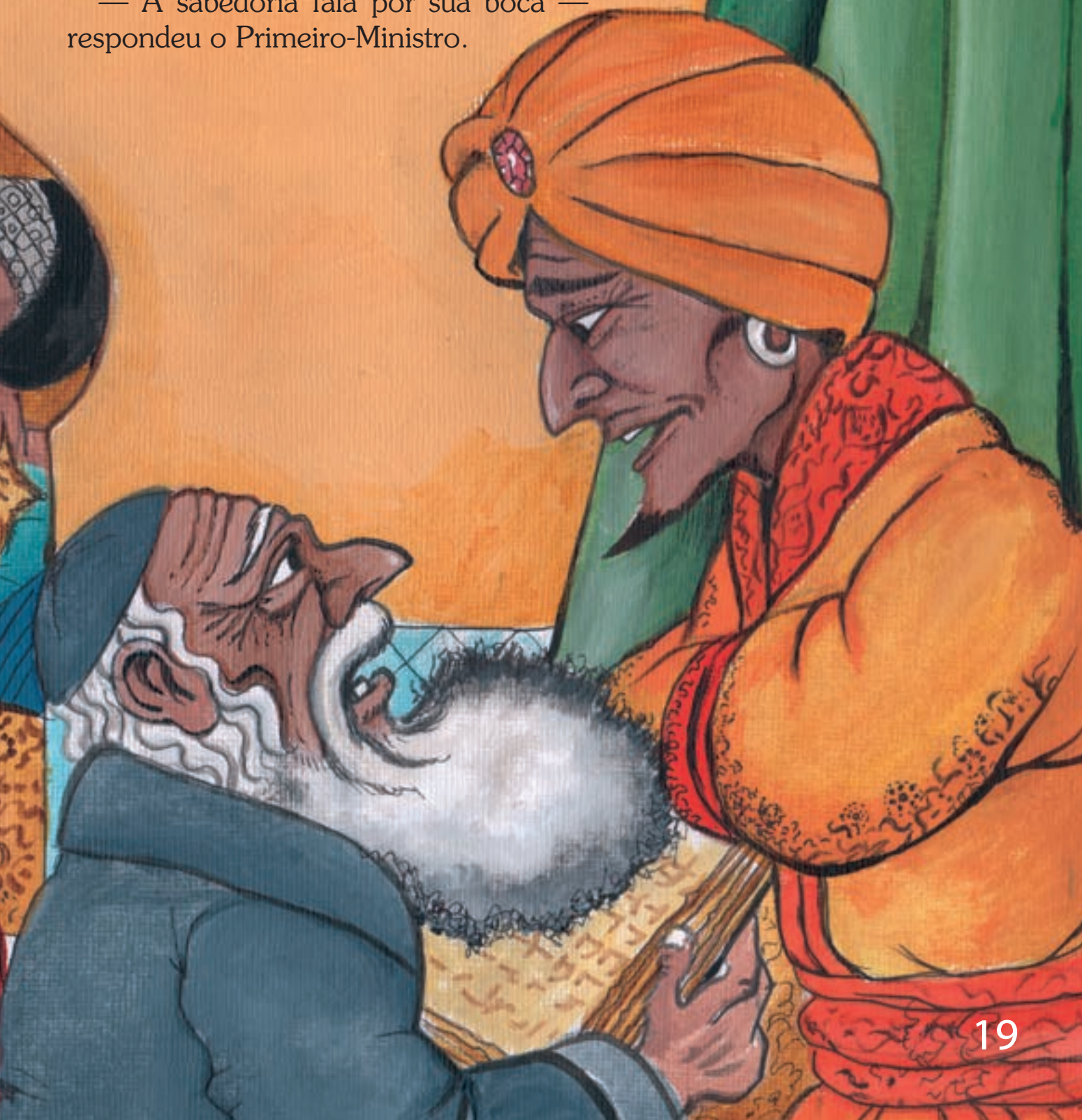






— Sua Majestade trabalhou muito com o estômago — disse o médico.

— A sabedoria fala por sua boca — respondeu o Primeiro-Ministro.



O médico consultou, então, um livro estranho, de cores muito vivas, em que se viam pintados os signos do zodíaco. Traçou nele círculos misteriosos e caracteres indecifráveis e declarou, por fim, que sua Majestade só se salvaria se, antes que a Lua, que estava em quarto crescente, chegasse à Lua cheia, ele vestisse a camisa de um homem feliz.

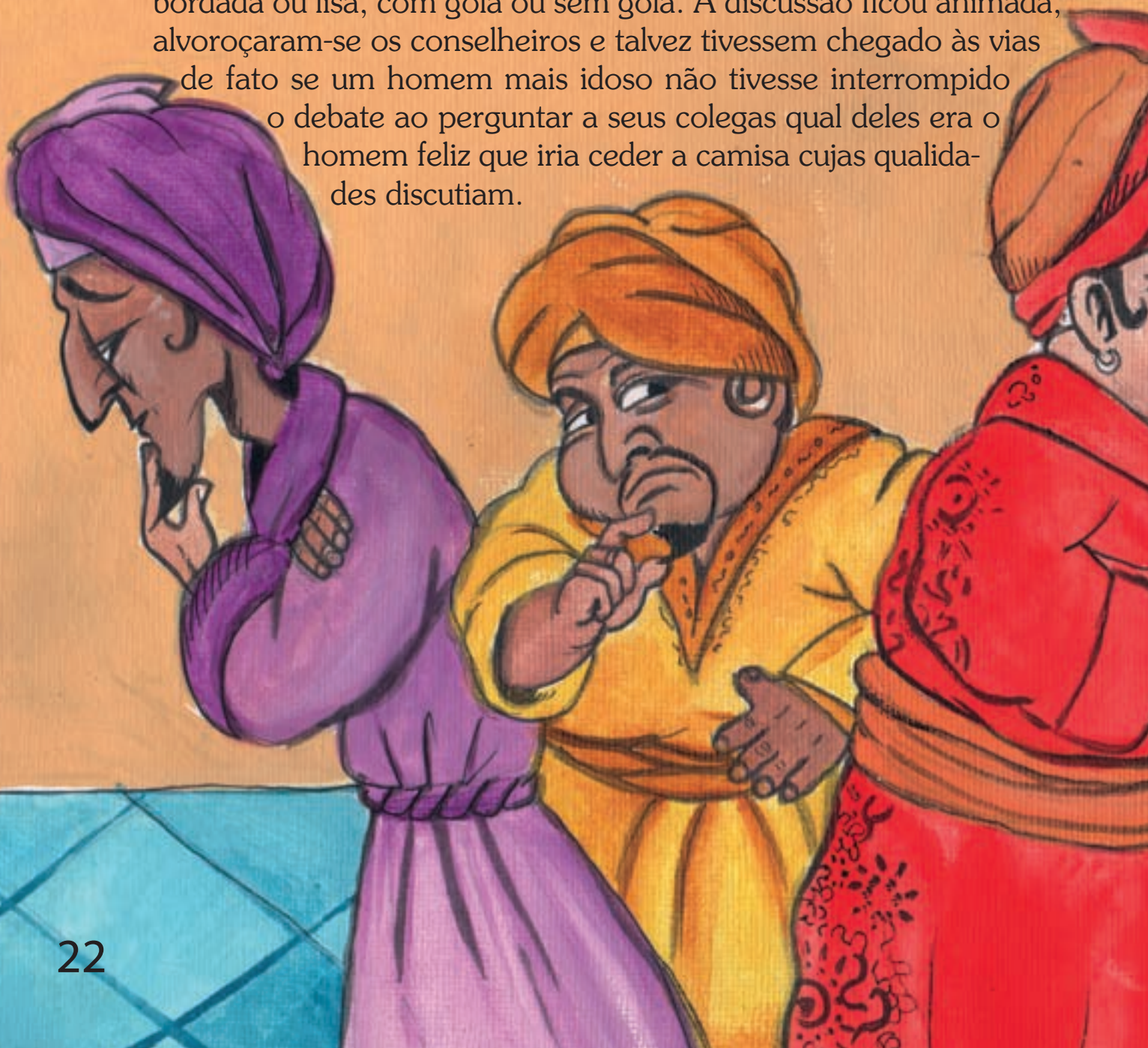


Todos acharam que o remédio era fácil de se conseguir. O próprio rei sentiu-se mais aliviado com essa esperança e, naquela tarde, pôde merendar um coelhinho e um peru com algumas outras coisinhas.

Enquanto isso, o médico israelita se calou e, sem acrescentar mais nada, passou a recitar versículos do Talmude.



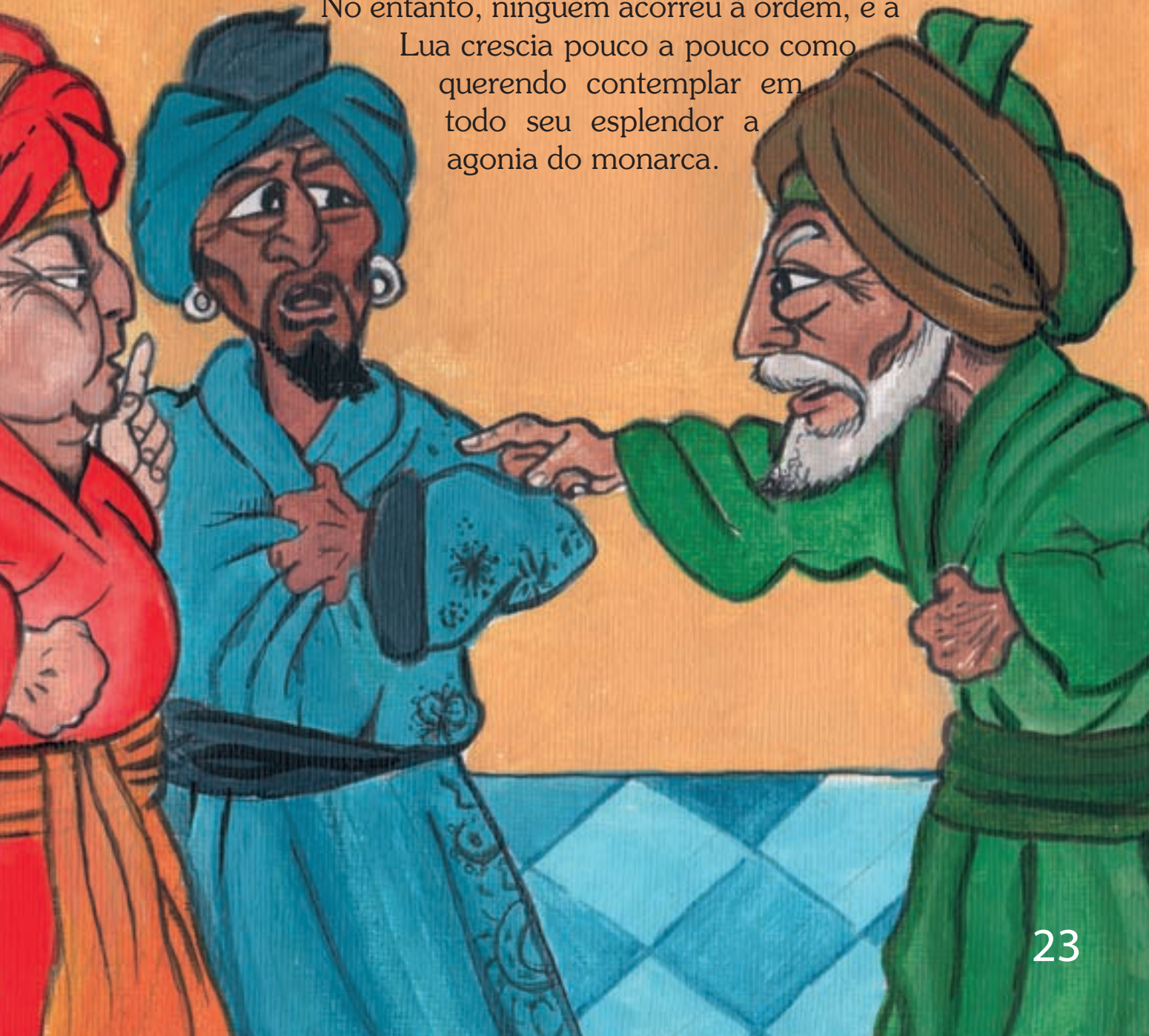
Naquela noite, o grão-vizir convocou o Conselho de Estado para determinar se colocaria no rei uma camisa limpa ou suja, bordada ou lisa, com gola ou sem gola. A discussão ficou animada, alvoroçaram-se os conselheiros e talvez tivessem chegado às vias de fato se um homem mais idoso não tivesse interrompido o debate ao perguntar a seus colegas qual deles era o homem feliz que iria ceder a camisa cujas qualidades discutiam.




Todos se perturbaram diante de tal pergunta e, uns após outros, abandonaram o salão sem dizer nada, porque nenhum acreditava que sua camisa era a que poderia produzir efeito tão maravilhoso. Então, o grão-vizir mandou publicar outro edital ordenando que todos os homens felizes se apresentassem ao palácio.

No entanto, ninguém acorreu à ordem, e a

Lua crescia pouco a pouco como querendo contemplar em todo seu esplendor a agonia do monarca.





Publicou-se o edital em outras cidades, aldeias e inclusive nos campos, mas tudo em vão. Desesperado, o grão-vizir foi em pessoa buscar por todo o império o remédio indicado. Inutilmente, ele percorreu o país inteiro, desde o mar Vermelho até o golfo Pérsico e as escarpadas montanhas da Arábia deserta. Mas o homem feliz não aparecia! Ninguém se julgava feliz!



Já de regresso, o grão-vizir sentou-se à sombra de uma palmeira, muito cansado. Seu camelo suspirava inquieto, anunciando o simum, vento abrasador do deserto, e ao longe se viam nuvens de areia que se moviam e se levantavam como redemoinhos de fogo. Assustado, o grão-vizir se refugiou em uma caverna ali perto, próxima a uma colina. Ali encontrou um velho pastor, que lhe ofereceu tâmaras e um odre de água.



— Que procura nessa solidão? — perguntou-lhe o ancião.
— Procuo o homem feliz que não encontrei na corte — respondeu o grão-vizir.

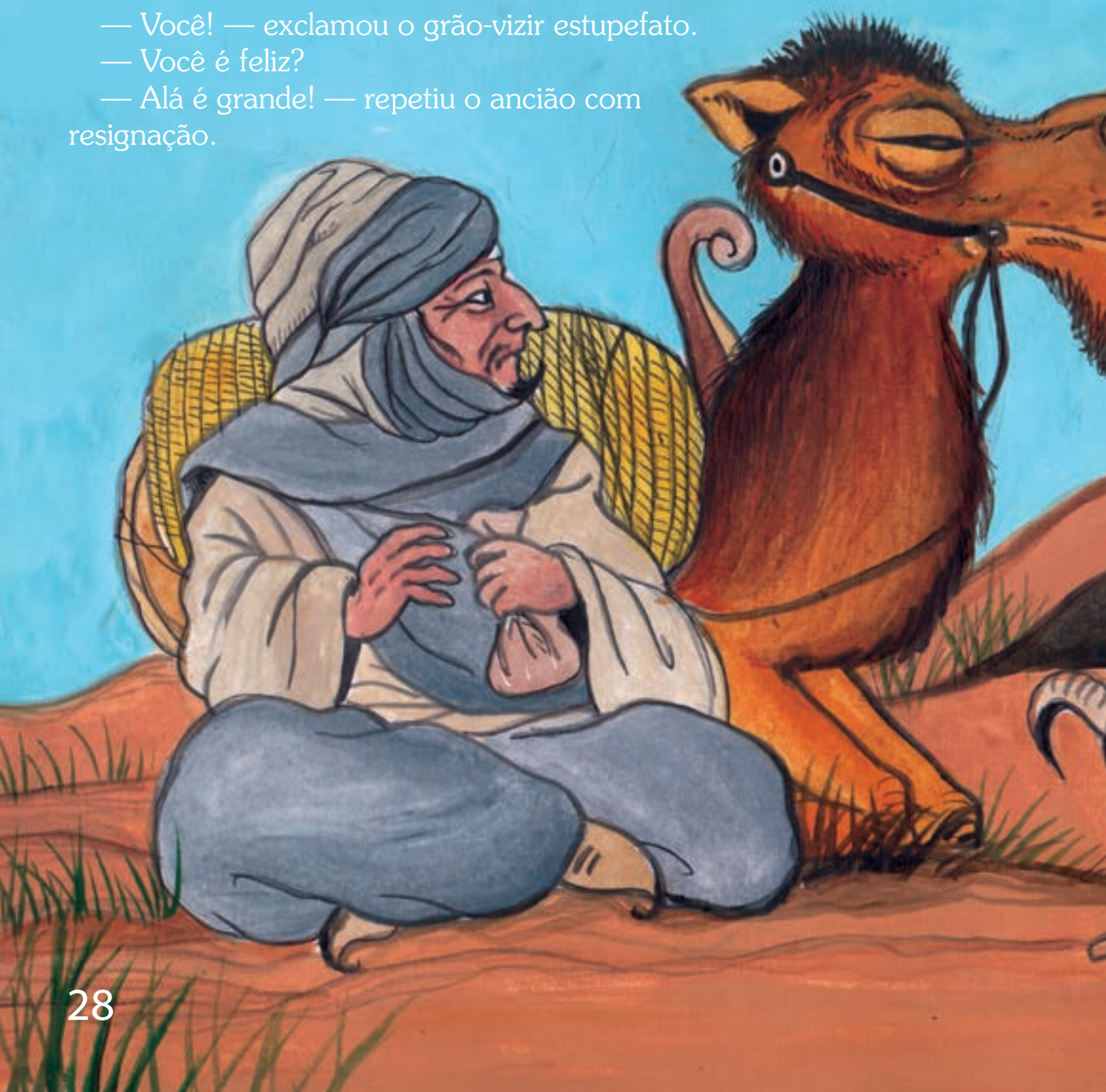


— Alá é grande! — replicou gravemente o velho. — O leopardo do deserto desfruta em seu covil o que não tem em seu palácio o califa dos crentes.

— Você! — exclamou o grão-vizir estupefato.

— Você é feliz?

— Alá é grande! — repetiu o ancião com resignação.



— Mas, como pode você ser feliz nessa caverna miserável?
— Porque não desejo outra, nem temo perdê-la.
— Então, onde encontra sua felicidade? — perguntou o grão-vizir, que não compreendera aquela resposta tão profunda.



— Dentro de mim mesmo.

O grão-vizir, alvoroçado, atirou aos pés do pastor um saco de moedas e lhe pediu sua camisa.

O ancião abriu, sorrindo, o grosseiro casaco de peles que o cobria e... oh, surpresa desagradável, oh, cruel desengano. O homem feliz, o único homem feliz de todo aquele reino, não tinha camisa!





Eliane Silva



Escrever para criança é retornar ao mundo da imaginação, da fantasia e da criatividade. Na infância, recebi a influência do gosto pela leitura por viver em um ambiente em que os livros tinham grande importância e as letras brincavam e buscavam sempre transmitir algo. Tive o privilégio de ter uma mãe que, além de professora, gostava de contar histórias infantis, criar personagens e fazer dobraduras, tornando aqueles momentos mais reais e interessantes. O meu interesse pela literatura infantil se expandiu para a música, que também herdei da minha mãe, “minha inspiradora inesquecível”. O violão, companheiro inseparável nessa criação, contribui para que as histórias fiquem mais atraentes e agradáveis.

Ricardo Cunha

Nasci em Jaboatão dos Guararapes-PE, mas atualmente vivo no Recife. Sou formado em Artes Visuais pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE) e, além de artista plástico, sou cartunista e ilustrador. Participei de diversos salões e festivais de humor e quadrinhos, como o FIHQ (Festival Internacional de Humor e Quadrinhos), que acontecia anualmente na Torre Malakoff, no Recife. Já illustrei diversos trabalhos, incluindo livros infantis e didáticos, além de Literatura de Cordel.

